
Passeata contra a intolerância religiosa (Curitiba, 2017)

March against religious intolerance (Curitiba, 2017)

Eva L. Scheliga



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3956>

DOI: [10.4000/pontourbe.3956](https://doi.org/10.4000/pontourbe.3956)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Eva L. Scheliga, « Passeata contra a intolerância religiosa (Curitiba, 2017) », *Ponto Urbe* [Online], 22 | 2018, posto online no dia 15 agosto 2018, consultado o 21 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3956> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3956>

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Passeata contra a intolerância religiosa (Curitiba, 2017)

March against religious intolerance (Curitiba, 2017)

Eva L. Scheliga

Das diferenças à unidade

- 1 Pelas redes sociais, com cerca de um mês de antecedência, começou a circular a notícia de um ato agendado para a tarde de domingo, 22 de outubro de 2017. Intitulado *Passeata contra a intolerância religiosa*, o evento era localmente promovido em Curitiba pelo grupo Tambores do Paraná, presidido por Maycon Kopp e assim noticiado:

Esta passeata é para todos! Vamos unir nossas religiões, filosofias de vida, doutrinas... vamos mostrar que somos todos iguais independente de nossas crenças. Umbanda, Candomblé, Católico, Evangélico, Hare Krishna, Islamismo, Espírita, Budista, Hinduísmo, Judaísmo, Mórmon, Maçom, Rosa Cruz, Positivismo, entre outras.

Essa passeata será feita simultaneamente em mais de 10 estados! A ideia da passeata vem dos ataques que sofremos há anos, mas está se acentuando com muita violência, principalmente terreiros estão sendo depredados e irmãos do Santo estão sendo ameaçados!

Estão querendo calar a nossa voz!

Precisamos nos unir! Vamos mostrar ao mundo que não vamos fugir, não vamos nos acovardar.

Vamos juntos protestar contra a violência e intolerância religiosa, das quais estamos sendo vítimas. Vamos de mãos dadas lutar pelos nossos direitos e provar que juntos somos mais fortes.


O povo precisa se unir. Vamos lutar uns pelos outros. Não importa sua religião, o que importa é o amor e o respeito pelo próximo.

#TodosContraAIntolerância

#JuntosSomosMaisFortes

#DigaNaoAIntolerancia

#AsreligoesPedemPorSocorro

Organização: Tambores do Paraná 

- 2 Tanto o nome dado ao evento - *Passeata contra a intolerância religiosa* - quanto o texto usado para divulgação do convite foram lidos por mim (e penso que posso aqui também incluir os demais membros da equipe que participou da atividade prática de observação do evento¹) na chave da diversidade religiosa. Minha expectativa era a de encontrar na manifestação pública uma variedade de agentes religiosos, reivindicando, lado a lado, respeito ao direito à liberdade religiosa. O convite a um certo ecumenismo parecia explícito: “Vamos unir nossas religiões, filosofias de vida, doutrinas... vamos mostrar que somos todos iguais independente de nossas crenças”, dizia a chamada.
- 3 Não havia momento mais propício que aquele para retomar o debate acerca da intolerância religiosa, tendo em vista a sucessão de acontecimentos recentes que recolocaram a discussão sobre a diversidade religiosa brasileira nas primeiras páginas dos jornais e periódicos de maior circulação no país². A repercussão, no decorrer do segundo semestre de 2017, da publicação de vídeos nas redes sociais que em comum apresentavam cenas de depredação a espaços e objetos de cultos de umbanda e de candomblé no estado do Rio de Janeiro sem dúvida fomentou a organização das manifestações públicas em repúdio às situações de intolerância religiosa.
- 4 Em um dos vídeos, amplamente divulgado no terceiro trimestre de 2017, um pastor acompanhado por outros três homens e também por Márcia, apresentada como uma “colaboradora” que já se encontra na “caminhada da fé”, permaneciam à volta de uma pilha de cerâmicas quebradas. O que ali se apresentava em pedaços, os quais logo mais seriam destinados pelo pastor à queima e à destruição completa, eram classificados por ele como sendo “imagens de demônios que estavam atormentando uma família”, fragmentos de objetos de culto em um terreiro. O episódio ocorreu em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense e as gravações foram entregues à polícia pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos e Políticas para Mulheres e Idosos (SEDHMI). Segundo as posteriores investigações realizadas pela 58ª DP, Márcia era uma ex-filha de santo, agora convertida ao Evangelho.
- 5 Em outro vídeo divulgado um pouco depois, na primeira quinzena de setembro de 2017, assistimos a uma nova cena de destruição de objetos sagrados, desta vez em um terreiro no Morro do Dendê, na capital fluminense. Coagida por um homem que, de modo imperativo, ordenava a quebra dos objetos, a mãe de santo derrubava, um a um, tudo o que estava guardado no recinto. Não tardou a circular outro vídeo, desta vez gravado em um terreiro localizado na Ilha do Governador, no qual também se registrou um pai de santo sendo forçado a destruir objetos de culto. Neste caso, inclusive o próprio recinto foi parcialmente demolido. Em comum aos dois vídeos nota-se a voz em *off* do mandante da depredação: jovens traficantes que teriam relações próximas com lideranças evangélicas - ou seriam, eles próprios, “traficantes evangélicos” - contrários à “presença de macumba” e ao “culto a deuses estranhos” nos morros cariocas. A reação negativa de determinados segmentos evangélicos no Rio de Janeiro às religiões afro-brasileiras também parecia ganhar cada vez maior visibilidade nas ruas; de acordo com diversas reportagens veiculadas no período, nos últimos meses teriam proliferado na capital fluminense inscrições urbanas com variações dos seguintes dizeres: “Só Jesus expulsa Ogum das pessoas”.
- 6 O acirramento das disputas envolvendo evangélicos e integrantes de outras religiões foi um dos motes da décima edição da Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa, ocorrida em 17 de setembro na cidade do Rio de Janeiro. O ato foi organizado pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) e pelo Centro de Articulação de

Populações Marginalizadas (CEAP). Alguns dias depois, precisamente em 21 de setembro, foi realizada a chamada para outro ato público, sendo este convocado pelo Pérolas da Macumba, nome de uma página ativa no Facebook destinada a “propagar e divulgar as religiões de matriz africana”, homônima à loja virtual destinada, sobretudo, ao comércio de vestuário masculino e feminino formado por peças estampadas com representações de orixás. A *Passeata contra a intolerância religiosa* foi então programada para ocorrer simultaneamente em dez diferentes capitais brasileiras (Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Florianópolis, Goiânia, João Pessoa, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo). O texto padrão de convocação para a passeata é o reproduzido abaixo:

Estão querendo calar a nossa voz!

Todos os dias recebemos notícias de terreiros sendo invadidos, depredados e destruídos, e nada está sendo feito.

Precisamos nos unir! Vamos mostrar ao mundo que não vamos fugir, não vamos nos acovardar.

Vamos juntos protestar contra a violência e intolerância religiosa, das quais estamos sendo vítimas. Vamos de mãos dadas lutar pelos nossos direitos e provar que juntos somos mais fortes.

O povo de santo precisa se unir. Vamos lutar uns pelos outros.

Não importa se você é de Umbanda, Candomblé, Kardecista... Não importa sua religião, o que importa é o amor e o respeito pelo próximo.

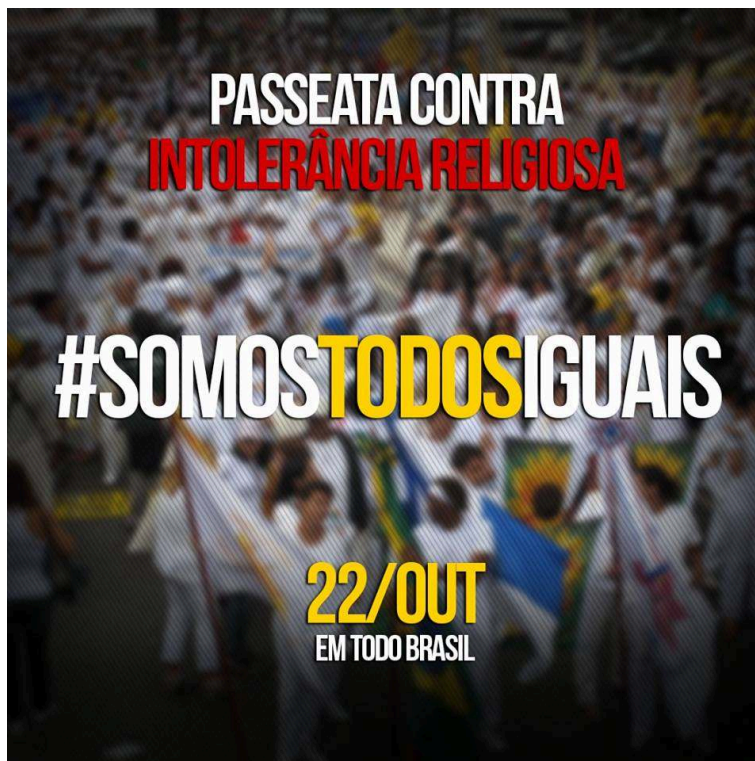
- 7 Interessante observar que no texto padrão a comunicação era dirigida, de modo mais específico e enfático, aos praticantes de umbanda, candomblé e espiritismo kardecista. Para evitar que a voz do “povo de terreiro” fosse calada, ele era convocado à luta: “o povo de santo precisa se unir”, de modo que seu direito à liberdade religiosa seja respeitado. A menção a casos de intolerância religiosa envolvia, portanto, prioritariamente estes grupos religiosos, não quaisquer outros. Também é relevante notar que no intervalo de um único dia o *slogan* da passeata mudou, ainda que o apelo à união do povo de santo tenha se mantido: #somostodosmacumbeiros (figura 01) se transformou em #somostodosiguais (figura 02).

Figura 01: Imagem veiculada em 21/09/2017



Fonte: Autoria desconhecida.

Figura 02: Imagem veiculada em 22/09/2017



Fonte: Autoria desconhecida.

- 8 Já na comunicação do evento organizado em Curitiba, pode-se observar que o convite foi ampliado, o que de algum modo conferia um novo sentido ao *slogan* #somostodosiguais. Como apresentado no início desta seção, foram nominalmente incluídas diversas “religiões, filosofias de vida, doutrinas” logo no início do convite e, algumas linhas depois, algumas substituições estratégicas foram realizadas: onde constava “o povo *de santo* precisa se unir” (grifos meus) passou a constar “o povo precisa se unir” (idem) e a frase “Não importa se você é de Umbanda, Candomblé, Kardecista” foi excluída a favor da permanência exclusiva da afirmação “Não importa sua religião, o que importa é o amor e o respeito pelo próximo”.
- 9 A adaptação do texto sugeria, pois, alguns deslocamentos importantes. Não se tratava, apenas, de tornar mais opacas as distinções internas ao campo das religiões afro-brasileiras (por meio da alusão a que “todos são macumbeiros”), mas também de equalizar todas as religiões a partir de um mesmo princípio ético e de uma virtude: o interesse desinteressado pelo outro. Assim, #somostodosiguais passava a incluir todas as religiões afro-brasileiras, podendo também abrir a possibilidade de abarcar todas as religiões - definidas em última instância como religião a partir de uma convenção: a prática da caridade³ ou de suas práticas equivalentes como expressão do “amor ao próximo”.

Da passeata contra a intolerância à passeata da fé

- 10 Embora a questão da intolerância religiosa tivesse sido o estopim para a organização de manifestações simultâneas em dez capitais, ela pouco foi explicitada no decorrer do ato público ocorrido em Curitiba. Na concentração na Praça Tiradentes o tópico foi tratado brevemente por quem assumiu a liderança do evento, ocasião na qual foi dado destaque ao serviço de registro de denúncias por discriminação religiosa, o Disque 100, telefone da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República⁴ e ao Setor de Vulneráveis, núcleo especializado no registro e investigação de crimes de ódio e subordinado à Delegacia de Proteção à Pessoa, em Curitiba.
- 11 É fato que alguns grupos haviam confeccionado faixas e cartazes⁵ destacando a existência de conflitos religiosos; alguns indivíduos portavam, inclusive, camisetas nos quais se lia alguma menção a este respeito. Mas durante a caminhada (ver itinerário percorrido na figura 03) isto não se traduziu em “palavras de ordem” ou em jograis nos moldes daqueles que costumam ocorrer nas demais passeatas que ocuparam a cidade de Curitiba nas recentes manifestações contra o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, a favor da deposição do Presidente Michel Temer ou em torno dos direitos sexuais e reprodutivos (como na Marcha Mundial das Mulheres, ocorrida em 8 de março). A distribuição de panfletos e materiais de divulgação com recomendações no caso de ser alvo de intolerância religiosa tampouco pode ser por mim observada durante a passeata⁶.

Figura 04 - Parada na Praça Santos Andrade, na frente do Prédio Histórico da UFPR



Fonte: A autora.

- 13 Narrativas a respeito da intolerância sofrida ou presenciada tampouco fizeram parte do rol de atos públicos que observei durante a passeata contra a intolerância religiosa na cidade de Curitiba. Os casos de intolerância que tanto mobilizaram a imprensa nacional nas semanas que antecederam o evento ali pareciam pouco repercutir. O tema emergia a partir das conversas entabuladas nos pequenos grupos durante a caminhada, quando muito. Um exemplo: na altura da Praça Generoso Marques, enquanto ainda estávamos a caminho da Praça Santos Andrade, percebi que quase ao meu lado, em silêncio, caminhava uma mulher portando um pequeno cartaz no qual se lia a palavra Namastê; ao conversar com ela descobri que se tratava de uma terapeuta holística, que dizia já ter sido alvo de intolerância religiosa, por isso engrossava a fileira da passeata.
- 14 Em meio a nossa conversa um rapaz, umbandista, se aproximou. Com sorriso e voz serena, nos cumprimentou inclinando levemente a cabeça para a frente e juntando as palmas das mãos em sinal de oração enquanto repetia a palavra que lia no cartaz. Minutos depois dirigiu-se a mim e fez um comentário sobre a necessidade de união entre os grupos religiosos, afirmando de modo categórico: “a gente não tem que ser contra!”. Do que pude inferir, ele não se mostrava propriamente contrário ao mote da passeata - ou seja, ele não era *contra* a passeata *contra a intolerância* - mas julgava que seria mais proveitoso que a convocação à manifestação tivesse um claro viés propositivo, *a favor* da união entre as religiões. Enfim, uma manifestação *a favor* da “fé” - certamente uma categoria englobante e difícil de precisar naquele contexto.
- 15 Interessante notar que às vésperas da realização da passeata foi divulgada uma imagem rebatizando o ato público: a manifestação passou a ser nomeada, não casualmente, *Passeata da fé contra intolerância religiosa* (figura 05). Ainda que, no evento, eu não tenha escutado menção a este novo nome, ao confrontar as anotações tomadas durante a

caminhada e as informações oriundas da pesquisa nas redes sociais, fiquei com a impressão de que ele parecia captar de modo mais preciso a direção tomada pelo movimento.

Figura 05: Imagem veiculada em 19/10/2017



Fonte: Autoria desconhecida.

O “povo de santo” pelas ruas da Curitiba

- 16 Embora o comitê organizador local tenha buscado convidar mais e mais pessoas a integrar sua manifestação pública - a primeira a ocorrer nestes moldes na capital paranaense, segundo comentários entusiasmados proferidos por Maycon Kopp tanto no começo quanto no final da passeata - o ato foi de ponta a ponta protagonizado pelo “povo de santo”, havendo pouco espaço para dotar de visibilidade outras expressões religiosas.
- 17 Na divulgação do evento por meio de uma rede social o movimento de inclusão de outras religiões ocorreu, sobretudo, nos primeiros dias de lançamento do evento. À medida que a data da passeata se aproximava, no entanto, o número de intervenções de outros grupos que não os de umbanda e candomblé foi se tornando cada vez mais escasso. Na série de vídeos gravados e publicados no Facebook como sinal de apoio e adesão à manifestação destoavam apenas duas intervenções: a de um homem que gravou um vídeo com forte viés ecumênico (publicada em 11/10/2017) e a de um padre anglicano (veiculada em 15/10/2017); todas as demais provinham de mães e pais de santo acompanhados de frequentadores de seus respectivos terreiros. Além destes vídeos, foi possível localizar algumas poucas postagens esparsas de pessoas que explicitavam vínculos religiosos distintos do candomblé ou umbanda⁷.

- 18 Assim como no espaço virtual, no qual predominaram as falas dos pais e mães de santo, na passeata, a não ser por sinais diacríticos muito explícitos - um véu cobrindo uma fiel islâmica, uma bandeira de Israel portada por um rapaz, as camisetas nas quais se podia ler o nome de uma determinada paróquia à qual estavam filiados três jovens do sexo masculino e o cartaz portado pela terapeuta holística anteriormente aqui referida - a presença de não candomblecistas ou umbandistas se diluía no conjunto que cantava, em uníssono e reiteradas vezes, o hino da umbanda. Aliás, em momento algum da passeata ouvi orações ou canções cristãs ou de qualquer outra denominação religiosa, exceto no momento final, quando um amém e um aleluia foram mencionados do alto do caminhão de som por Michel em sua despedida e agradecimento pela participação de todos no evento.
- 19 As religiões afro-brasileiras foram, assim, onipresentes no evento, preenchendo todos os espaços com suas cores, gestos e sons. O que se ouvia ao longo da passeata eram diferentes pontos de umbanda, os quais iam sendo puxados aqui e ali; isso fazia com que em alguns momentos distintos cânticos fossem entoados simultaneamente, com poucos passos de distância separando quem cantava este ou aquele ponto. Em algumas ocasiões o hino da umbanda era entoado e este era um dos momentos de aparente maior coordenação entre os diversos grupos de umbanda e candomblé ali presentes.
- 20 A passeata criava, assim, uma noção de conjunto: para mim foi impactante ver aquele mar de gente⁸ vestida de branco caminhando e cantando pelas ruas da cidade - segundo estimativas dos organizadores, cerca de 2.000 pessoas compareceram ao evento⁹. A cantoria constante e ritmada por atabaques e outros instrumentos musicais sincronizava todos os passos. A medida que a passeata avançava, ficava com a impressão de que as pessoas estavam cada vez mais animadas, cantando cada vez mais alto. Algumas dançavam, inclusive descalças, pelas ruas da cidade. Muitos fumavam. Nem mesmo a leve chuva, que durou alguns minutos logo no momento de saída da Praça Tiradentes, parece ter se tornado obstáculo para os participantes seguirem em caminhada. O clima geral era festivo e descontraído, fazendo jus ao sentimento de orgulho estampado nas camisetas¹⁰ que muitos vestiam.
- 21 Eram os corpos coloridos e em festa que reivindicavam visibilidade e se posicionavam, assim, por meio de um discurso prático, contra a intolerância às religiões afro-brasileiras, a favor da “fé”, antecipando outros dois atos públicos que também viriam a ocupar o centro histórico da cidade no mês de novembro: um deles, a comemoração do Dia da Umbanda, marcado por cantos e danças nas Ruínas de São Francisco e subsequente cortejo até as gameleiras sagradas localizadas na Praça Tiradentes, Marco Zero da cidade; outro, a Festa do Rosário, cujo ponto alto é a lavagem das escadarias da Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, integrando as comemorações do Dia da consciência negra.
- 22 A “união do povo de santo” não deixava de contemplar, de algum modo, a diversidade interna das religiões afro-brasileiras. As distinções tornavam-se perceptíveis nos detalhes - nas roupas e nos gestos, sobretudo. A composição das vestimentas (isto é, a presença/ausência de saias rodadas e/ou com babados, de faixas com as cores atribuídas aos orixás, as miçangas, as flores, os adereços como bonés e chapéus, ou a opção pelo uso de camiseta com a logomarca do terreiro) marcava pertencas específicas, reiteradas por alguns comportamentos que reforçavam os laços entre os membros de cada terreiro. Não foi raro, por exemplo, ouvir ao longo da caminhada de quase duas horas alguém chamando por um membro que havia se distanciado ao longo

da caminhada, recomendando que voltasse a ficar por perto, junto aos demais integrantes de seu terreiro; também foram constantes as paradas para a tomada de registros fotográficos do grupo, muitos dos quais foram posteriormente publicados nas redes sociais.

- 23 Em contrapartida, a interação entre o público e aqueles que se punham em marcha foi pouco expressiva. Por ser domingo, a maior parte do comércio de rua estava fechada, bem como os escritórios da Avenida Mal. Deodoro por onde transcorreu a passeata a maior parte do tempo; dos poucos apartamentos residenciais vi bem pouca gente sair à janela - à exceção de uma pessoa que apoiou a passeata pendurando nas esquadrias uma toalha de praia na qual se via a representação de uma orixá (motivando cantos e acenos em direção a ela). Na passagem pelos cruzamentos de ruas, contudo, uma certa indiferença era percebida entre os transeuntes. Poucas buzinas eram acionadas, que não sei ao certo se expressavam solidariedade à passeata ou revelavam certa impaciência com o bloqueio momentâneo da passagem dos carros. No percurso todo, alguns poucos olhares curiosos por parte de quem aguardava o ônibus. Contrastando com a notória alegria dos que se punham em marcha e celebravam sua fé, ao final da passeata não consegui reter na memória nenhum gesto, nem de notório apoio, nem de visível surpresa, nem de declarado desagrado em relação ao ato já programado para se repetir na capital paranaense em 16 de setembro de 2018.

NOTAS

1. A atividade planejada como exercício extraclasse teve a participação das discentes Caroline Leonardi, Giovanna Vargas, Luana Corrêa da Velha e Tayana Malewschik, todas alunas do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O antropólogo Rosenilton Oliveira, então docente substituto do Departamento de Antropologia da UFPR, também acompanhou o grupo. A todos registro os meus agradecimentos pelo engajamento na atividade de observação e pelo compartilhamento de perspectivas sobre o evento.

2. O debate recebeu pouca atenção por parte dos principais veículos de comunicação da cidade de Curitiba, sendo possível localizar poucas reportagens dedicadas à questão da intolerância religiosa - ao contrário do que ocorreu na mídia impressa de São Paulo e Rio de Janeiro que, naquele período, publicou diária ou semanalmente matérias a este respeito. A repercussão da passeata tampouco foi expressiva na mídia local: antes da data da manifestação, a maior parte dos veículos acrescentou poucas ou nenhuma linha ao *release* do evento, ou seja, de modo geral reproduziu o mesmo texto limitando-se a informar data, horário e local do evento. A cobertura do evento *in loco* também foi, de modo geral, pouco extensa.

3. Uma das senhoras com quem conversei durante a passeata fez questão de me dizer, por exemplo, que há dois anos ela participava de um grupo de umbanda - um grupo que, segundo ela, “ajudava quatro favelas”, “praticava o bem” e fazia muita caridade. Também não tardou a aparecer no percurso outros praticantes da umbanda vestindo uma camiseta na qual se fazia igualmente esta menção: “umbanda, é a manifestação do espírito para a prática da caridade”.

4. O Disque 100 recebeu em 2015 um total de 556 denúncias de discriminação religiosa; em 2016 este número aumentou para 759. Os dados de 2017 ainda não foram totalizados, estando à

disposição para consulta apenas as estatísticas relativas ao primeiro semestre (informando um total parcial de 169 registros).

5. O grupo ÀLÀÁFIÀ produziu uma faixa contendo os seguintes dizeres: “Diga não à intolerância religiosa. Basta!”. A última palavra ganhava destaque em letras vermelhas. A faixa do Terreiro de umbanda Cruzeiro das almas (TUCA) destacava: “Intolerância é crime. Sim à liberdade religiosa. Nós fortalecemos esta ação”. O Terreiro de Umbanda Luz dos Orixás produziu uma faixa com a inscrição: “Juntos pela paz e pela liberdade religiosa”. Outra faixa, produzida pelo Terreiro de umbanda das Matas, do município de Morretes, anunciava: “quem é do axé não nega a sua fé. Diga não à intolerância religiosa”.

6. Uma reportagem produzida pelo Portal Banda B sobre a passeata destacou a distribuição de um panfleto com instruções acerca das providências a serem tomadas em caso de discriminação religiosa. Trata-se, contudo, de material produzido pelo Núcleo de promoção de igualdade étnico-racial do Ministério Público do Estado do Paraná, sem relação direta com os organizadores do evento. Nem eu nem os demais integrantes da equipe de pesquisadores que acompanharam a passeata vimos este ou qualquer outro material de divulgação sendo distribuído durante o percurso.

7. Dentre elas as de: um rapaz que se declarava agnóstico; uma católica que partilhava uma reportagem sobre o ato de uma assembleiana que teria invadido uma igreja no Ceará e quebrado imagens de santos; um espírita kardecista que publicou *link* para o episódio Intolerância: Espiritismo, da série *Sagrado*, exibido no Canal Futura. Também pude ler a mensagem de uma moça fazendo menção à intolerância com aqueles que não creem e a pergunta de rapaz, evangélico, sobre a possibilidade de participar da passeata. Em data posterior à realização da passeata foi publicada a postagem de um rapaz informando que adeptos ao Santo Daime também teriam participado do ato público.

8. Não foi possível delinear o perfil dos participantes da passeata. De modo apenas muito aproximado é que é possível afirmar que a maior parte do grupo era formada por adultos jovens, em sua maioria mulheres. Predominavam pessoas brancas.

9. Aproximadamente 0,3% da população de Curitiba declarou-se candomblecista ou umbandista no Censo de 2010. Tendo em consideração tais dados, 2000 pessoas corresponderiam a 40% do número deste segmento religioso.

10. Muitas pessoas vestiam camiseta com as seguintes palavras gravadas nas costas da peça: “Visto branco/ Firmo vela/ Uso guia/ Canto ponto/ Bato cabeça/ Tenho orgulho de ser/ umbandista”. Havia também algumas variações, tais como: “Visto branco/ Uso guia/ Canto ponto/ Bato cabeça/ Sou do axé/ filho da resistência”.

AUTOR

EVA L. SCHELIGA

evascheliga.ufpr@gmail.com

Doutora em Antropologia Social (USP)

Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná (UFPR)